

# UMA ANÁLISE PRAGMÁTICO-CONVERSACIONAL EM SALA DE AULA: A CONSTRUÇÃO CONJUNTA DE SIGNIFICADOS

Cristiano Lessa de Oliveira (IFAL)

lessacristiano.ifal@hotmail.com

Maria Francisca Oliveira Santos (UFAL/UNEAL)

mfosal@gmail.com

## Introdução

Inserindo-se no âmbito dos estudos pragmático-conversacionais da linguagem (OLIVEIRA e SANTOS, 2009), que interpretam os processos negociativos e cooperativos que fazem parte da atividade conversacional (MARCUSCHI, 1997), o presente trabalho, resultado de pesquisa doutoral realizada na Universidade Federal de Alagoas (OLIVEIRA, 2012), analisa interações entre professora e alunos no ambiente de sala de aula, observando as categorias não verbais, denominadas Paralinguagem, Cinésica e Proxêmica, que, integradas à produção linguística, permitem criar significados compartilhados e efetivar a interação entre os interlocutores desse ambiente, partindo do pressuposto de não haver relação dicotômica entre os elementos verbal e não verbal.

As contribuições da linha Pragmática, entendida não como um estudo de linha formalista, mas de aspecto funcionalista, que investiga os não verbais e verbais dentro de um contexto de atuação dos interactantes (OLIVEIRA, 2012), como a Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990) e a Teoria dos Atos de Linguagem (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005), também fazem parte do trabalho, já que essa vertente linguística defende o estudo da língua em uso, fornecendo subsídios teóricos para que as análises interpretativas fossem mais bem realizadas. Efetivou-se uma pesquisa qualitativa de linha etnográfica em escola pública da cidade de Maceió-AL, com um *corpus* de gravações em vídeo de aula de Ciências do 7º ano do ensino fundamental, em transcrição ortográfica e captação de imagens.

Os resultados da investigação ratificaram a posição teórica assumida, uma vez haver imbricamento nas relações estabelecidas entre as categorias não verbais mencionadas e a fala da professora, permitindo a efetivação de ações como as de negociar os sentidos dos textos veiculados em sala de aula; destacar, através de gestos de apontamento (KNAPP e HALL, 1999) termos centrais dos tópicos discursivos e estreitar o espaço interacional (LYMAN e SCOTT, 1999) mantido entre os interlocutores, criando um local interativo propício à aprendizagem, onde o texto conversacional foi tecido de forma compartilhada entre quem ensina e quem aprende.

O presente trabalho apresenta-se em três partes: a) focaliza a área dos estudos conversacionais, apontando a sua relação com a corrente Pragmática dos estudos linguísticos; b) apresenta as perspectivas teóricas sobre a comunicação verbal e não verbal, situando os objetos de análise do trabalho e c) dedica-se à apresentação das análises dos Interativos, seguindo-se a conclusão e as referências bibliográficas.

### 1. A Análise da Conversação como uma corrente da Pragmática

Disciplinas, como a Análise do Discurso (francesa ou anglo-saxônica), a Linguística Aplicada, a Sociolinguística Interacional, a Etnografia da Comunicação, dentre outras, debruçam-se sobre a natureza discursivo-interacional de contextos situacionais e estudam a relação entre a linguagem e as práticas sociais humanas (TAVARES, 2007). Nesse sentido, percebe-se que houve um novo olhar com relação à atitude tomada em relação à linguagem, abrindo-se espaço para o estudo da interação verbal e não verbal. Dessa forma, a linguagem assume outros significados, deixando de

lado a ideia de simples representação do pensamento ou de instrumento de comunicação, dando lugar às atividades entre os interlocutores de uma “sociedade, como ato social cuja própria realidade é, permanentemente, constituída e/ou modificada por seus atores sociais e pelo contexto” (TAVARES, 2007, p. 11).

A Análise da Conversação, área abordada neste trabalho, também estuda as situações sociais sob esse olhar interacional, já que esse campo se preocupa com o caráter comunicativo da linguagem verbal e não verbal (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Com base nas contribuições de Tavares (2007, p. 17), para quem a Análise da Conversação “é uma corrente da Pragmática, e é através desta abordagem que seus componentes como atos de fala, dêixis, pressuposições e implicatura podem ser vistos na conversação”, de Wilson (2008, p. 89), que defende a Análise da Conversação como campo de investigação da Pragmática, “no sentido de estudar o significado em situações de interação”.

Além de a Análise da Conversação ser uma corrente investigativa que proveio dos estudos em Pragmática, segundo os autores mencionados, pode-se apontar também como razão por que se seguiu essa área o fato de que é sob o olhar pragmático que o estudo da língua se efetiva, relacionando-a a fatores contextuais e discursivos, ou seja, a perspectiva da Pragmática Linguística oferece uma das bases que sustenta os interesses desse trabalho: estudar as categorias não verbais, correlacionando-as com as verbais, observando as contribuições dessa união para o processo de construção de sentido, bem como para a efetivação da interação entre os interlocutores no ambiente de sala de aula.

Nessa perspectiva, a vertente investigativa representada pela Pragmática afirma que o estudo da linguagem deve ser realizado enquanto prática social concreta, voltando-se ao exame da constituição do significado linguístico a partir da interação entre falante-ouvinte (interlocutores) e do contexto situacional que determina os usos linguísticos nos momentos de comunicação. Para Tavares (2007, p. 12), a Pragmática “tem como ponto de interesse o processo de produção da língua e seus produtores (não apenas o produto final)”. Adiciona-se a essa ideia o fato de que os usos que os interlocutores fazem da língua ultrapassam as ações languageiras; nesse sentido e, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), a interação se concretiza não somente de maneira verbal (tomando as conversações verbais como exemplo), mas também de forma não verbal (gestos, danças, esportes coletivos e outras especificidades), bem como de maneira mista (junção das ações verbais e não verbais).

## 2. Domínios teóricos da Pragmática

Considerando o estudo da Pragmática como a relação do usuário com a língua, parte-se do pressuposto de que esse estudo centra suas atenções nas condições que orientam a utilização da linguagem, a denominada prática linguística, assim explicada: “estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, o que fora deixado de lado pelas correntes anteriores da Linguística, que criaram outros objetos teóricos” (FIORIN, 2006, p. 166).

Persegue-se o posicionamento do referido autor, uma vez que “o estudo do uso é absolutamente necessário, pois há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta da fala” (FIORIN, 2006, p. 166). Nessa perspectiva, a Pragmática apresenta como domínios teóricos conceitos como *atos de fala*, *contexto* e *desempenho* (ARMENGAUD, 2006). Nesta seção, traçam-se as principais características desses estudos pragmáticos, apontando seus precursores e as consequências para as investigações linguísticas. É importante apontar para o fato de que esses domínios teóricos da Pragmática acontecem na conversação, podendo ser estudados e interpretados dentro de uma perspectiva conversacional.

Austin (1990), na teoria dos atos de fala, propõe a linguagem como uma *atividade* que é construída pelos interlocutores, não sendo possível discuti-la sem considerar o fato de que, ao estar falando, o interlocutor também está fazendo algo, ou seja, “a linguagem não é [...] descrição do mundo, mas ação” (PINTO, 2006, p. 57). Seguindo os comentários de Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 33), encontra-se o seguinte princípio geral da teoria dos atos de fala: “*todos os enunciados possuem intrinsecamente um valor de ato* [...]”. Todo enunciado é assim dotado de uma carga pragmática, seja ela mais ou menos forte e evidente de acordo com o caso, mas sempre presente”. Nessa perspectiva, quando o interlocutor fala, não está apenas fazendo declarações, mas também está agindo, ordenando, perguntando, desculpando-se, lamentando, rogando, julgando, reclamando, gesticulando, expressando-se facialmente, dentre outras ações verbais e não verbais.

Dessa forma, a não observância desses fenômenos não verbais pode representar uma leitura que não condiga com a força ilocucionária pretendida pelo interlocutor. A força ilocucionária corresponde “ao componente que permite ao enunciado funcionar como um ato particular”, visando a “produzir um certo efeito e a implicar uma certa modificação da situação interlocutiva”, sendo essa força aplicada “ao conteúdo proposicional do enunciado” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, pp. 27-28). A dimensão da força ilocucionária está relacionada diretamente com as interações sociais que se estabelecem entre os interlocutores, podendo apresentar relações de autoridade, cooperação, convencimento, além de outras.

Referindo-se ao tema da força ilocucionária, Austin (1990, p. 123) procede ao levantamento de uma proposta de inventário de classificação dos diferentes valores ilocucionários que uma enunciação qualquer pode receber. Nesse sentido, encontram-se cinco grandes classes: os vereditivos, os exercitivos, os comissivos, os comportamentais e os expositivos.

Os primeiros, os vereditivos, pertencem ao campo judiciário, caracterizando-se “por dar um veredito [...] por um corpo de jurados, por um árbitro, ou por um desempatedor” (AUSTIN, 1990, p. 123), como, por exemplo: declarar inocente ou culpado ou, decretar. Os segundos, os exercitivos, consistem no “exercício de poderes, direitos e influências”, formulando um julgamento, como ordenar, perdoar, designar, aconselhar e avisar.

Os terceiros, os comissivos, são caracterizados por comprometer o locutor por adotar certa conduta, como prometer, garantir, jurar. Os quartos, os comportamentais, expressam atitudes do locutor diante da conduta de alguém, tendo relação com o *comportamento social*, exemplificados por agradecer, criticar, maldizer, saudar e desculpar-se. Os últimos, os expositivos, são usados para expor uma ideia, conduzindo uma argumentação no curso de uma conversa, servindo também para esclarecer o emprego de termos.

Observando que o sentido de uma proposição pode mudar, dependendo da maneira como é usada pelo falante, e investigando que determinadas sentenças são, na verdade, ações, Austin (1990) aponta que, à medida que o interlocutor profere algo, ele também está, simultaneamente, realizando uma ação. O que vai determinar o sentido das palavras utilizadas pelos interactantes nas diversas interações linguísticas é o uso e, para que os sentidos desses enunciados possam ser investigados, necessário se faz observar os diferentes tipos de atos de fala.

Ao defender que a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma função de agir, e não de representação da realidade, Austin (1990) mostrou que a Linguística apresentava uma visão puramente descritiva, razão por que apontou dois tipos diferentes de afirmação para fundamentar sua defesa da teoria dos atos de fala. O autor afirma que

as línguas naturais são organizadas em torno de uma diferenciação funcional entre dois tipos de enunciados: “os enunciados **constativos** que descrevem um estado de coisas e os enunciados **performativos**, que permitem realizar um certo tipo de ação” (PAVEAU e SARFATI, 2006, p. 218).

Para a explicação dos enunciados performativos, Austin (1990) toma como definição a ideia de que esses atos, ao se realizarem, praticam ações, inicialmente, colocado o verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa, na forma afirmativa. Nesse sentido, para que um performativo preencha os requisitos de ação, é preciso que, ao ser enunciado, em certas circunstâncias, resulte em determinado efeito e seja executado não somente de maneira correta, mas também integralmente pelos participantes do ato linguístico.

Nessa perspectiva, Austin propõe a hipótese de que “um ato de fala é um processo complexo que se compõe de três atos estreitamente intrincados” (PAVEAU e SARFATI, 2006, p. 221). Esses atos são exemplificados pelos *locucionários*, que consistem em um ato de referência, aqueles que dizem algo; pelos *ilocucionários*, que mostram aquilo o que se está fazendo, refletindo a posição do interlocutor com relação ao que ele diz; e pelos *perlocucionários*, realizados pelo fato de dizer aquilo que é dito, produzindo efeitos e consequências sobre os interlocutores, sobre o próprio falante ou sobre outras pessoas. É possível resumir esses três atos, recorrendo-se às palavras de Austin (1990, p. 90): “podemos distinguir o ato locucionário ‘ele disse que...’ do ato ilocucionário ‘ele argumentou que...’ e do ato perlocucionário ‘ele me convenceu que...’”.

Para aprofundar a discussão e, conseqüentemente, subsidiar teoricamente o presente trabalho, recorrem-se às postulações teóricas de Kerbrat-Orecchioni (2005), que procede a uma análise dos *speech acts*<sup>1</sup>, delineando o conceito dos atos de linguagem, importante contribuição para as análises das interações verbais.

Uma das principais contribuições da referida autora, no que concerne aos atos de fala/linguagem, é a introdução da perspectiva interacionista ao conceito austiniano, colocando em evidência o jogo de restrições e determinações recíprocas que acontece no encadeamento da fala quando os atos de linguagem entram em ação, ou seja, levam-se em conta, agora, os atos que precedem e sucedem. Há um deslocamento de interesses, isto é, o ato de linguagem isolado é ressignificado, abrindo-se espaço para o par adjacente. Em outros termos, o posicionamento interacionista aponta para o fato de que, no desenrolar de uma troca comunicativa qualquer, os participantes exercem uns sobre os outros influências mútuas, sendo considerados *interatos* de linguagem ou, nas palavras da autora, *interagentes* pelo discurso.

Para a teoria clássica dos *speech acts*, o circuito dos atos de linguagem “se faz em sentido único e de modo muito simples: um locutor transmite a um ouvinte sua intenção ilocutória por meio de um enunciado dotado de uma ‘força’ apropriada” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, pp. 70-71). De acordo com a autora em questão, o quadro comunicativo é bem mais complexo do que supõe a teoria austiniana. É possível, então, na realidade comunicativa, que um ato de linguagem possa ser construído por vários locutores, ou que um enunciado possa ser dirigido a um interlocutor coletivo, não homogêneo “ou a muitos destinatários dotados de um ‘estatuto participativo’ diferente”.

Ao introduzir a perspectiva interacionista da linguagem à teoria dos *speech acts*, Kerbrat-Orecchioni (2005) afirma que, nessa primeira teorização, não havia um interesse pelas organizações sequenciais que os atos permitem realizar no discurso. Continua refletindo sobre a empreitada de Austin, esclarecendo:

---

<sup>1</sup> A expressão inglesa *speech acts* pode ser entendida como atos de fala ou atos de linguagem.

considerar os enunciados como atos é admitir que eles são feitos para agir sobre outrem, mas também levá-lo a *reagir*: dizer é fazer, mas é também **fazer com que façam**, isto é, a produção de um determinado ato cria, para a seqüência, um certo número de restrições e um sistema de expectativas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 73).<sup>2</sup>

Percebe-se que, na perspectiva interacionista, os atos de linguagem abrem espaço para uma sequenciação de atos, um encadeamento capaz de relacioná-los com os atos que precedem e os atos que sucedem. Assim, as conversações se apresentam como uma arquitetura complexa e de forma hierarquizada, produzida segundo unidades encaixadas, umas dentro das outras, obedecendo a certas regras organizacionais. Nas palavras da autora, essas regras são: “os atos de linguagem se combinam para formar intervenções, as quais se combinam para formar trocas, que se combinam para formar seqüências e, em última instância, conversações” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 76).

Nessa vertente investigativa, os atos de linguagem aparecem como as unidades mínimas da *gramática conversacional*, servindo para a formação das unidades maiores, representadas pelas *intervenções*, *trocas* e *conversações*. Aponta-se a troca conversacional como a unidade dialogal fundamental nas análises das conversações, produzida por dois interlocutores, sendo que cada um deles deve assumir a responsabilidade de pelo menos um ato. Portanto, as trocas conversacionais comportam, inicialmente, dois atos, os iniciativos e os reativos. Dentro dos estudos conversacionais, esses atos são conhecidos como pares adjacentes. As trocas também se caracterizam pelo ato de avaliação, retomado pelo interlocutor como uma forma de aviso de recebimento, “eventualmente acompanhado de comentários diversos” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005, p. 78). Nesse sentido, a troca conversacional pode e “até mesmo deve ser constituída de três intervenções”.

Se numa troca conversacional não houver no mínimo dois atos, ela se apresentará como truncada. É importante acrescentar que a autora deixa clara a existência de *trocas gestuais*, na medida em que, não existindo produção verbal, ela pode ser marcada gestualmente. Destaca-se, ainda, que uma troca conversacional nem sempre vai ser executada apenas pelos atos iniciativos, reativos e avaliativos. Há nas trocas a existência de *negociações* entre os interlocutores, abrindo uma ampla e inesgotável gama de seqüências de atos de linguagem possíveis, tendo conseqüências sobre o desenvolver da interação e do estado da relação interpessoal.

Os atos de linguagem, na perspectiva interacionista de Kerbrat-Orecchioni (2005), são vistos como *relacionemas*, isso porque os participantes do diálogo constroem juntos um certo tipo de relação: distância ou proximidade, hierarquia ou igualdade, conflito ou cumplicidade, dentre tantas outras possibilidades relacionais que não param de evoluir durante o processo interacional. Essas relações podem apresentar atos de linguagem do tipo horizontal, sendo caracterizado pela familiaridade ou aproximação entre os interactantes, e do tipo vertical, representado pela hierarquização estabelecida durante a troca conversacional.

As contribuições advindas dessa corrente de pesquisa, principalmente representada pelos estudos de Kerbrat-Orecchioni (2005), trouxeram enriquecimentos às questões austiniananas. Em primeiro lugar, por não compreender que os atos de linguagem devem ser considerados entidades abstratas e isoladas, deslocando-os de seu contexto de

---

<sup>2</sup> Os destaques estão no próprio texto original.

atualização sem relacioná-los com os atos que podem precedê-los e segui-los. Em segundo, por tentar inseri-los em seu devido lugar, no contexto comunicativo, local onde as enunciações são produzidas por falantes e atualizadas a cada novo lance do jogo. Essa é a ideia que caracteriza o ponto de vista interacionista dos atos de fala/linguagem: falar é *interagir*.

### 3. Perspectivas teóricas acerca da comunicação verbal e não verbal

Ao introduzirem seus estudos sobre comunicação não verbal, Knapp e Hall (1999) propõem algumas questões relevantes para a compreensão da importância dos elementos não verbais no dia a dia das pessoas. Esses questionamentos se fazem presentes porque também serviram de base para fundamentar as indagações deste trabalho sobre o fenômeno não verbal em sala de aula. Assim, as perguntas são:

O que é comunicação não-verbal? Por que é importante compreender esse tipo de comportamento humano? Como funciona o comportamento não-verbal em relação ao comportamento verbal? Como a comunicação não-verbal afeta o nosso dia-a-dia? (KNAPP e HALL, 1999, p 13).

Numa tentativa de traçar uma definição do termo comunicação não verbal, Knapp e Hall (1999) comentam as dificuldades de conseguir encontrar uma palavra e defini-la de maneira que possa descrever satisfatoriamente toda a atividade interativa das sutilezas humanas. Segundo os autores, uma primeira noção de comunicação não verbal “refere-se à comunicação feita por meios diferentes das palavras (supondo as palavras como elemento ‘verbal’)” (KNAPP e HALL, 1999, p. 17). Entretanto, nas palavras dos pesquisadores, essa definição só fornece uma impressão inicial do que seja o termo, afirmando que ela se torna menos precisa quando se começa a estudar profundamente os aspectos relativos ao não verbal.

Knapp e Hall (1999, p. 17) comentam as contribuições de Birdwhistell<sup>3</sup>, pioneiro nos estudos não verbais, afirmando que este autor “teria dito que estudar comunicação não verbal é como estudar fisiologia não-cardíaca”. Essa citação, de fato, aponta para o fato de que “não é fácil dissecar a interação humana e apresentar um diagnóstico restrito ao comportamento verbal e outro relativo apenas ao não verbal”. Isso justifica o posicionamento assumido por este trabalho não analisar as interações, fazendo uma dicotomia entre verbal e não verbal, pelo contrário, parte-se do pressuposto de que ambos não podem ser estudados de forma isolada, uma vez que os elementos verbais e não verbais se imbricam nas mais variadas relações humanas.

Os estudos sobre a comunicação não verbal são bastante amplos, isso pelo fato de existirem várias categorias que compõem sua área de investigação. Para Hecht et al (1999), a comunicação não verbal ocorre em todas as áreas da vida humana, tendo um importante papel nas relações interpessoais. A definição que os pesquisadores apresentam para a comunicação não verbal leva em conta os participantes que interagem na situação comunicativa, tendo como objetivo criar significados compartilhados.

Para uma compreensão do termo comunicação não verbal, seguem-se as contribuições teóricas de Knapp e Hall (1999, p. 48) que o definem como “todos os eventos da comunicação humana que transcendem as palavras escritas ou faladas”. Os autores deixam muito clara a ideia de que a comunicação não verbal não pode ser investigada isoladamente do processo total de comunicação. Nesse sentido, afirmam os

---

<sup>3</sup> BIRDWHISTELL, Ray L. *Introduction to kinesics: an annotation system for analysis of body motion and gesture*. Washington, DC: Foreign Service Institute, U.S. Department of State/Ann Arbor, Michigan: University Microfilms, 1952.

autores: “Comunicação verbal e não verbal são inseparáveis e, portanto, devem ser tratadas como uma unidade” (KNAPP e HALL, 1999, p. 28).

Segundo Hecht et al (1999), estudiosos que também investigam a área em tela, a comunicação não verbal apresenta um importante papel nas interações humanas. Segundo suas explicações, pesquisas apontam que 60-65% dos significados sociais são construídos através da comunicação não verbal. Ainda conforme suas elucidações, a comunicação não verbal apresenta três características importantes, segundo as quais: a) as mensagens não verbais são funcionais; b) as mensagens não verbais são influenciadas pelo contexto; e c) a comunicação não verbal está organizada em códigos. Essa última característica aponta para as múltiplas facetas que integram esse tipo de estudo. Sendo assim, é possível encontrar o que os autores chamam de *códigos não verbais*, são eles: a cinésica, a aparência e o adorno, a paralinguagem, os códigos de contato (proxêmica), a comunicação tátil (tacêsica) e os códigos de tempo e de espaço (cronêmica e pistas ambientais) (HECHT et al, 1999, p. 7-8).

Outro ponto destacado pelos estudos de Knapp e Hall (1999, p. 43) é o ambiente de sala de aula, tido como uma “mina de ouro de comportamento não-verbal”. Várias situações vivenciadas pelos interlocutores que fazem parte desse ambiente envolvem os gestos: “aceitação e compreensão de ideias por professores e alunos, encorajamento e crítica, silêncio e questionamento, todos envolvem elementos não verbais”.

Os autores exemplificam a importância do não verbal em sala de aula, apontando inúmeros casos em que esse elemento aparece, prestando-se a diversas funções: 1) o aluno acenando com a mão levantada, chamando a atenção do professor para dar uma resposta correta; 2) o aluno que não sabe a resposta correta evita olhar para o professor; 3) as vestimentas dos alunos; 4) as expressões faciais de raiva e gestos ameaçadores do professor, ao chamar a atenção da turma barulhenta; 5) a disposição das carteiras na sala de aula; 6) o uso de recursos visuais (imagens, vídeos, desenhos) como facilitadores da compreensão dos alunos; 7) o modo de apresentação da sala de aula (cores, janelas, espaço entre as carteiras), que influencia a participação e a aprendizagem dos estudantes; 8) os elementos não verbais que indicam proximidade ou distância entre professor e alunos, dentre outras situações.

Sendo os elementos não verbais e verbais considerados uma *unidade linguístico-não verbal*, eles melhoram as condições de sentido em sala de aula, permitindo haver uma melhor negociação interativa entre professor e alunos. A seguir aparece a estrutura da comunicação não verbal, assim classificada: *paralinguagem*, todo tipo de atividade de comunicação não verbal que acompanha o comportamento verbal numa atividade conversacional; *cinésica*, refere-se ao estudo dos gestos e movimentos corporais que possuam um valor de caráter significativo convencional; e *proxêmica*, volta-se ao estudo do uso do espaço (RECTOR e TRINTA, 1985).

A *cinésica* compõe o campo dos gestos corporais, voltando-se para as análises dos movimentos que transmitem informações. Assim, nenhuma movimentação ou expressão corporal é destituída de significação no contexto em que se apresenta, prestando-se a estudos sistemáticos e interpretativos. Estão situados nessa área de investigação o contato visual, os gestos, as expressões faciais, a postura e a movimentação da cabeça.

Os aspectos comunicativos do comportamento vocal são estudados pela área da paralinguagem. Os fenômenos paralinguísticos aparecem na atividade interativa, servindo à comunicação e, juntamente com a língua falada, produzem o sistema comunicacional. A paralinguagem remete a uma série de atividades que não fazem parte da língua, mas que a acompanha. São atividades paralinguísticas ocorrências como as variações de altura e intensidade da voz, as pausas que podem ser preenchidas (humm)

ou não (silêncio), os sons que não fazem parte da língua, exemplificados pelo sorriso e pelo suspiro, outras qualidades da linguagem articulada, como, por exemplo, a ressonância.

O estudo dos aspectos do espaço utilizado pelos interlocutores durante o processo interacional é chamado de proxêmica, existindo duas importantes áreas nesse tipo de pesquisa: a territorialidade e o uso pessoal do espaço, denominados, respectivamente, de demarcação espacial e espaço interativo<sup>4</sup> (RICHMOND et al, 2008, p. 13).

#### 4. Aspectos teórico-metodológicos e análise dos objetos

O pesquisador qualitativo pauta seus estudos na interpretação do mundo real, preocupando-se com o caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida dos seres humanos. Moreira (2002, p. 51) esclarece que os objetos de estudo das ciências humanas e sociais são as pessoas e suas atividades, considerando-os “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham suas interpretações à medida que interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas”.

A pesquisa qualitativa foi utilizada neste trabalho pelo fato de ter ampliado as possibilidades de melhor entender a situação de sala de aula, provendo meios mais eficazes para trabalhar e elaborar todas as considerações realizadas. Adota-se também como metodologia os princípios dos estudos conversacionais que admitem a conversação como uma atividade de fala que se apresenta de forma dialogada e a interação como a natureza das atividades realizadas durante o processo conversacional. Assim, a conversação é tomada como uma categoria necessária para que aconteça o processo interlocutivo pelo fato de os atos praticados durante a sua execução serem, em princípio, negociados. Ela é ainda localmente ordenada porque os interlocutores ocupam, passo a passo, o seu turno. Além disso, a conversação é uma atividade centrada, pois os interlocutores falam sobre um tópico discursivo, abordando-o *in loco*.

O universo deste trabalho foi constituído por aulas filmadas de Ciências de 7º ano do ensino fundamental da escola pública da cidade de Maceió - AL, para o que foram utilizados não somente os critérios de transcrição ortográfica<sup>5</sup>, mas também aqueles usados pela captação de imagens, uma vez que se pode “tomar como base a presença e ausência de contato na decomposição fotográfica, isto é, levar-se em conta as diversas mudanças que ocorrem na posição dos membros e do corpo do começo ao fim do movimento” (RECTOR e TRINTA, 1985, p. 57).

Os *momentos interativos* foram definidos como sendo qualquer situação interativa de sala de aula que envolve os elementos não verbais, funcionando como ações que permitem estabelecer a interação entre os participantes e construir os sentidos veiculados por ocasião da exposição do conteúdo (tópico discursivo). O contexto situacional é devidamente descrito em cada *momento interativo*, em que são apresentadas as situações nas quais os sujeitos estão inseridos e o tópico discursivo abordado em cada momento.

---

<sup>4</sup> No original, em inglês: “Marking space and interactive space”.

<sup>5</sup> Foram utilizados os critérios estabelecidos por Marcuschi (1997). Para este trabalho, foi usado como amostragem um momento interativo para a observação do imbricamento dos aspectos pragmático-conversacionais.



## AMOSTRAGEM - MOMENTO INTERATIVO<sup>6</sup>



Captação de imagem: L1 posiciona-se diante da turma para dar início à aula.

((L1, **com os braços superpostos**, ao lado do quadro, começa a aula relatando o assunto visto na aula anterior))

L1 - como a gente viu no primeiro dia de aula ... durante toda a 6ª série a gente vai estudar o quê? ... os?

L2L3L4... os seres vivos ...

L1 - isso ... os seres vivos ... na /.../ o nosso último assunto foi a característica dos seres vivos ... foi ou não foi?

L2L3L4... fo:i ...

L1 - então a gente viu que os seres vivos apresentam características ... muitas características ... e de cada característica dessas ... define por si só o que é vida ... né?... o que é o ser vivo ... foi isso?

L2L3L4... fo:i ...

((no meio dessa última fala dos alunos, **L1 descruza os braços e começa a gesticular**. Depois da resposta coletiva, **L1 caminha para uma posição mais central, em direção ao quadro**))

A situação social em análise aponta algumas características que exemplificam bem os fenômenos que ocorrem no ambiente conversacional de sala de aula. É primordial esclarecer que os exemplos que se apresentam durante todos os momentos interativos neste trabalho não se constituem cenas estáticas, mas *ações*, que envolvem não somente atividades linguísticas, mas também entonações, gestos, posturas, expressões faciais que, em conjunto, facilitam a observância da força ilocucionária produzida pelos interlocutores, estabelecendo, nesse momento específico, uma relação cooperativa, já que a professora modifica a situação interlocutiva, produzindo um certo efeito: as respostas dadas pelos alunos.

A professora, ao iniciar a aula, está posicionada, socialmente, no lugar (proxêmica) que lhe confere status de poder, uma vez que esse espaço é ocupado por aquele que exerce a profissão docente, constituindo-se um evento hierarquizante. Nesse momento, ela inicia seu turno, fazendo uma revisão do que foi estudado no primeiro dia de aula. Esse tipo de atuação justifica a linguagem do currículo, uma vez que a professora está informando o conteúdo a ser estudado. Pode-se observar que L1 está

<sup>6</sup> Os comentários que estiverem em negrito na transcrição representam o fenômeno não verbal. As imagens foram cedidas pelos participantes da pesquisa (OLIVEIRA, 2012).

encostada no birô, de braços cruzados, caracterizando uma situação de tranquilidade, talvez justificada por ser o começo de sua aula.

Ainda na posição inicial, a professora, ao referir-se ao primeiro dia de aula, tenta resgatar da memória dos alunos o que será estudado por eles durante toda a sexta série: *durante toda a 6ª série a gente vai estudar o quê? ... os?*, caracterizando *atos locucionários*, por dizer algo e fazer referências ao tópico discursivo. Esses mesmos atos, agora tomados como *ilocucionários*, mostram a posição da professora, que faz uma pergunta aos alunos. Estes conseguem responder às indagações da professora (*atos perlocucionários*): *os seres vivos...*, refletindo os efeitos dos primeiros atos. L1 continua resgatando outras informações que serão relevantes para aquela situação específica: *o nosso último assunto foi a característica dos seres vivos ... foi ou não foi?*

Como pode ser visto no momento em análise, os alunos estão acompanhando o desenvolvimento tópico proposto por L1, o que evidencia os papéis atuados pelos interlocutores desse ambiente. Ao deter por mais tempo o turno de fala num ambiente de sala de aula, o professor colabora, de maneira clara e explicitada, para a fortificação e consequente estabelecimento da perspectiva assimétrica do discurso de sala de aula.

Percebe-se, ainda, que há uma sequenciação de atos que são engatilhados a partir da fala da professora. Partindo da noção interacionista dos atos de linguagem (KERBRAT-ORECCHIONI, 2005), os participantes da cena são entendidos como *interatos* do discurso, isso porque exercem uns sobre os outros influências mútuas, ou seja, L1 consegue estabelecer uma troca comunicativa satisfatória, fazendo com que seus alunos assumam a responsabilidade dos atos sucessores.

Nesse sentido, houve os atos iniciativos, seguidos pelos reativos, culminando nos atos avaliativos. Essa é uma troca muito comum no ambiente de sala de aula, em que a professora inicia o tópico com uma pergunta, espera uma reação dos alunos e, em seguida, avalia essa resposta.

Analisando sob o olhar dos estudos não verbais, pode-se dizer que o comportamento não verbal de L1 caracteriza a função de transmissão de atitudes interpessoais (KNAPP e HALL, 1999), já que ela expressa estar tranquila, mostrando segurança sobre o tema de que vai tratar com seus interlocutores. Diz-se ainda que, segundo Lyman e Scott (1999), esse território se caracterizou como sendo interacional, pelo fato de as pessoas que se encontram nele não estarem estáticas durante a conversação. A professora usa bem seu território social, movendo-se no ambiente da sala, mudando de posição e construindo seu espaço interpessoal (KNAPP e HALL, 1999).

Enfatizando as posições ocupadas por L1, num primeiro momento, ela se encontra perto do birô, diante da turma, como se observou na captação de imagem, caracterizando o começo da aula. Ao mudar de posição, ela também descruza os braços e começa a gesticular, evidenciando que os gestos são primordiais para esse momento de interação, uma vez que eles poderão exercer funções sobre suas palavras, como as de acentuar, de complementar, de repetir, dentre outras.

### Conclusão

O presente trabalho argumentou que as análises dos momentos interativos, numa perspectiva conversacional da linguagem, permitiram um melhor entendimento da complexidade que envolve o processo de construção de sentidos nas aulas de Ciências do ensino fundamental. As análises dos dados coletados permitiram identificar uma diversidade nos usos dos modos de representação do texto oral, construído pela íntima relação entre fala, gestos, expressões faciais, ações de apontamento, distância entre os interlocutores.

A sala de aula é um local em que as relações se efetivam assimetricamente. No entanto, foi possível observar que a professora colaboradora se posicionava de forma a romper com as barreiras hierárquicas típicas do ambiente de sala de aula, permitindo que houvesse uma relativização do termo assimetria, conforme mencionado por Fávero et al (1999), ao tratar da relação *relativamente assimétrica* e Kerbrat-Orecchioni (2006), quando aborda o tipo de *relação horizontal*, sendo caracterizada pela familiaridade e aproximação entre os interactantes.

Isso se deu não somente pela maneira como a docente conduzia sua aula de ciências, perguntando, dialogando, dando oportunidades de fala para os alunos, mas também pela forma com que L1 se aproximava de seus interlocutores, constituindo um dado proxêmico altamente relevante nessa relação, permitindo a criação de um contexto para a interação e para a aprendizagem.

Sabe-se que a linguagem verbal é a valorizada no ambiente de sala de aula, Os exemplos legitimam a relação que existe entre verbal e não verbal nas situações específicas analisadas, apontando para um novo olhar no que diz respeito à interpretação do contexto de sala de aula, ou seja, pesquisas que queiram se debruçar sobre questões interacionais, observando como se efetiva a construção de sentido no mencionado ambiente devem ter o cuidado de entender que os sentidos que ali circulam são construídos e reconstruídos no processo *on-line* que caracteriza o ato conversacional, a partir de múltiplas escolhas não verbais (gestos, entonações, pausas, hesitações, apontamentos, toques, distanciamentos) que trazem marcas de expressões emocionais, transmitem atitudes interpessoais (no caso da colaboradora, de afeto), intenções, expectativas dos participantes e acompanham a fala.

Dessa forma, foi de interesse do presente trabalho analisar os aspectos não verbais do texto oral, esperando ter contribuído no sentido de sensibilizar professores de ciências bem como de quaisquer áreas do conhecimento a perceberem essas importantes pistas de contextualização que servem para comunicar, já que os falantes, ao produzirem seus textos, fazem uso de diferentes suportes corporais para interagir com seus interlocutores.

#### Referências bibliográficas

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

EKMAN, P. e FRIESEN, W. V. *The Repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usages and coding*. Semiotica, 1, 49-98, 1969.

FAVERO, Leonor Lopes et al. *Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

HECHT, Michael L. e GUERRERO, Laura K. Perspectives on nonverbal research methods. In: GUERRERO, Laura K; HECHT, Michael L; DEVITO, Joseph A. *The nonverbal communication reader*. Wavelan Press, Long Grove, Illinois, 1999.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Tradução Fernando Alonso de Almeida; Irene Ernest Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KNAPP, M. L. e HALL, J. A. *Comunicação não-verbal na interação humana*. [Trad. Mary Amazonas Leite Barros]. São Paulo: JSN, 1999.

LEVINSON, *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LYMAN, Stanford M. e SCOTT, Marvin B. Territoriality. In: GUERRERO, Laura K; HECHT, Michael L; DEVITO, Joseph A. *The nonverbal communication reader*. Wavelan Press, Long Grove, Illinois, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1997.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de; e SANTOS, Maria Francisca Oliveira. As relações pragmático-gestuais na construção de sentido, em contexto escolar. In: TAVARES, Roseanne Rocha (org). *Linguagem em uso*. Maceió: EDUFAL, 2009.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Práticas linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. 199f. Maceió, 2012.

PAVEAU, Marie-Anne; e SARFATI, Georges-Élia. *As grandes correntes linguísticas: da gramática comparada à pragmática*. Tradução: Maria do Rosário Gregolin; Vanice Oliveira Sargentini; Cleudemar Alves Fernandes. São Carlos: Claraluz, 2006.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v.2*. São Paulo: Cortez, 2006.

RECTOR, M. e TRINTA, A. R. *A Comunicação Não – Verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Comunicação do Corpo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

RICHMOND, Virginia Peck; McCROSKEY, James C; e HICKSON, Mark L. *Nonverbal behavior in interpersonal relations*. Pearson, United States of America, 2008.

TAVARES, Roseanne Rocha (org). *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão sociointeracionista da linguagem*. Maceió: EDUFAL, 2007.

\_\_\_\_\_. *Linguagem em uso*. Maceió: EDUFAL, 2009.

WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.